

## Fragmentos do poema “A lágrima de um Caeté” de Nísia Floresta Brasileira Augusta

era da natureza filho altivo,  
Tão simples como ela, nela achando  
Toda a sua riqueza, o seu bem todo...  
O bravo, o destemido, o grão selvagem,  
O brasileiro era... - era um Caeté!

Era um Caeté, que vagava  
Na terra que Deus lhe deu,  
Onde Pátria, esposa e filhos  
Ele embale defendeu!...

É este... pensava ele,  
O meu rio mais querido;  
Aqui tenho às margens suas  
Doces prazeres fruído...

Aqui, mais tarde trazendo  
Na alma triste, acerba dor,  
Vim chorar as praias minhas  
Na posse de usurpador!

Que de invadi-las  
Não satisfeito,  
Vinha nas matas  
Ferir-me o peito!

Ferros nos trouxe,  
Fogo, trovões,  
E de cristãos  
Os corações

E sobre nós  
Tudo lançou!  
De nossa terra  
Nos despojou!

Tudo roubou-nos,  
Esse tirano,  
Que povo diz-se  
Livre e humano!

Por nossos costumes singelos e simples  
Em troco nos deram a fraude, a mentira.  
De bárbaros nos dando o nome, que deles  
Na antiga e moderna História se tira.

Maldito, ó maldito sejam  
Renegado Tapeirá!...  
Teu nome em nossas florestas  
Em horror sempre será!

Tabajaras miserandos! raça escrava!  
Que a voz incautos desse chefe ouviste  
Mandando exterminar os irmãos teus,  
Para um povo estrangeiro auxiliar!  
O anátema do céu feriu-te, ó mísera!  
Para ele um país conquistaste:  
Em paga te deu ele a ignomínia!!

Em eterno desprezo eis-te esquecido,  
Como estão tantos outros teus iguais!  
Que perdendo na Pátria os seus costumes,  
As vantagens não gozam desses homens,  
A quem sacrificaram Pátria, honra!...

Indígenas do Brasil, o que sois vós?  
Selvagens? os seus bens já não gozais...  
Civilizados? não... vossos tiranos  
Cuidosos vos conservam bem distantes  
Dessas armas com que ferido tem-vos  
De sua ilustração, pobres Cablocos!  
Nenhum grau possuís!... Perdeste tudo,  
Exceto de covarde o nome infame...

Dos Caetés os manes vingados estão!  
Desse Camarão, também renegado,  
Que bravo guerreiro a Fama apregoa,  
O título de nobre lá jaz desprezado!

Nobreza, que o crime  
Audaz transmitiu  
aquele que aos seus  
Cruel perseguiu;  
Somente sorriso  
De mofa devia,  
Excitar depois  
Que já não vivia;

E que de seu braço  
Cruel parricida  
Mais não precisava  
Um Liberticida:  
Um vil estrangeiro  
Com quem se aliou,  
E de seus irmãos  
O bem lhe outorgou!

Dos Caetés os manes vingados estão!  
Em triste abandono, sem Pátria, sem bens,  
Às cegas seguindo a voz de um senhor  
Pureza e costumes perdido tu tens!...

Dos Caetés os manes vingados estão!  
Aqui neste solo a nós arrancado,  
Tem vindo outros povos também d'além-mar  
Aos nossos tiranos o tem usurpado!

Dos Caetés os manes vingados estão!  
Como nosso sangue, o seu sangue correu!  
Nas mãos do Batavo seu poder caiu!  
Como nós o dele seu jugo sofreu...

Dos Caetés os manes vingados estão!  
Curvaram-se os Lusos da Ibéria ao poder  
Gemeram, choraram, por anos sessenta!  
Quis Deus ao opróbio fazê-los descer...

Mais tarde se viu  
Os seus descendentes  
Contra eles se armarem;  
Pô-los em correntes!  
Alguns filhos seus  
Que crime! que horror!  
Cruéis lhes mandaram  
A morte, o terror!...

Assim pune Deus um crime com outro  
Quem fere, quem mata, ferida ou a morte  
Recebe de mão feroz como a sua...  
É esta dos homens, das nações a sorte.

Conosco cruel  
Foi uma nação,  
Lançou-lhe o Eterno  
Sua maldição

Depois de seus filhos  
O braço de armou,  
Em seu próprio sangue  
O crime lavou!

Injustos! Ingratos!  
Vai ela bradando;  
A seus descendentes  
Seu mal exprobrando. [...]"

"[...] Onde as choças estão, simples asilo,  
Santuário feliz de nosso amor?  
Onde as frondosas árvores, cujos ramos  
Fagueiros balouçavam inclinados  
Sobre as águas dos nossos prediletos  
Melancólico-amoroso Beberibe,  
Capibaribe undoso, que abraçando  
Se vão em sua foz, já não sorrindo,  
Como outrora faziam, mas do pranto  
Engrossado dos filhos seus extintos,  
Gemendo confundir-se nos bramidos  
Do terrível-majestoso Atlântico?!... [...]"

"[...] Onde estão, fero Luso ambicioso,  
Estes bens, que eram nossos?  
Porangaba perdi, perdi os filhos;  
Ai de mim! Inda vivo!!  
Com a Pátria lá foram esses tesouros!  
O pranto só me resta!...

Só me resta um sentir, um só desejo,  
Desejo de vingança!  
Vingança de selvagem tão tremenda,  
Tão nobre como ele!

Não vingança de balas despedidas  
Pela mão de assassino  
Miserável covarde, que não ousa  
De frente acometer!  
Nem de ferro à traição, que ao bravo priva  
De uma vida de glória!!

Mais nobre, que o selvagem das cidades,  
As armas ocultando,  
O selvagem dos bosques se apresenta  
A peito descoberto...

Vingança contra os tiranos  
Que a nossa terra tomaram!  
Que com perfídia e astúcias  
Alguns dos nossos armaram!  
Com eles pereça a glória  
Nos anais de sua história!

Sobre os nossos opressores  
Mande o seu raio ardente!  
E na Pátria dos Caetés  
Sofram eles dor pungente!  
Mas dor tão grande, que possa  
Fazê-los lembrar da nossa!...

Então talvez um remorso  
Lhes entre no coração,  
Pelos males que trouxeram  
À nossa feliz nação!  
E de seu peito um gemido  
Cruel se escape dorido! [...]"

"[...] Lamenta, povo infeliz,  
Em tua hora final  
A tantas nações estranhas  
Teres feito tanto mal!

Do fanatismo os teus filhos  
Triste presa não seriam,  
Nem no teu solo os seus padres  
A fogueira acenderiam.

Mas buscando estranhas terras  
Tu crias correr à glória,  
Tão falsa como te achas  
Pequena hoje na história.

Outras nações guerreando  
Te esqueceste de ilustrar  
A tua, que jaz pobre,  
Nas trevas, próxima a expirar.

Ó gênio do Brasil, às plagas tuas  
Volta... oh! Volta a vingar os filhos teus! [...]"

"[...] E qual tempestade por Deus fulminada  
Sobre um povo ingrato, que Ele amaldiçoa  
Varão denodado às fileiras voa  
Dos filhos que a pátria querem libertada!

Dos bravos Caetés se diz descendente,  
Sua triste raça jurou de vingar...  
Desde lá do berço aprendeu a amar  
O triste oprimido; dele é defendente [...]"

"[...] Tudo podes tu fazer,  
Menos descer  
Às trevas do esquecimento  
Os mártires da Liberdade,  
A Divindade  
Lhes tem marcado o momento.

Da decisiva vitória,  
Que a glória  
Neste solo firmar deve:  
Aqui onde bem fruir  
De um porvir venturoso iremos breve [...]"

"Este grande povo, que o nome tomou  
De um pau simulando das brasas a cor,  
Nascido na terra, que Deus te outorgou,  
De seu bem só cura, não de tua dor.

Em campo ei-lo agora com armas na mão  
Mas seja um partido, ou outro que vença  
A tua ventura não creias farão!  
São outros seus planos, outra a sua crença [...]"

"[...] Do Amazonas ao Prata  
O povo lhe está bradando:  
- Sacia-te monstro atroz,  
Teu império está finando!  
Mas tu meu pobre Caeté  
Escuta a Realidade;  
Busca as matas, lá somente  
Gozarás da Liberdade".

A Lágrima de um Caeté / Nísia Floresta  
Brasileira Augusta; Organização de Constância  
Lima Duarte. 4. ed. Natal: 1997. 66p.